

Odontologia e o Ensino de Graduação em Tempos de Pandemia



uff
Universidade
Federal
Fluminense



UFRJ



Odontologia e o Ensino de Graduação em Tempos de Pandemia



Anais

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CB/B

O26 Odontologia e o ensino de graduação em tempos de pandemia: Anais / Coordenação de Maria Isabel de Castro de Souza - Rio de Janeiro: UERJ, UFF, UFRJ, 2023.

1 recurso online.

ISBN 978-65-999405-4-5

1. Odontologia. 2. Tecnologia educacional. 3. Pandemia de COVID-19. 4. Anais de conferências como assunto. I. Souza, Maria Isabel de Castro. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Odontologia. II. Universidade Federal Fluminense. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. IV. Título.

CDU 616.314

Bibliotecária: Kárin Paz – CRB-7/6287

Odontologia e o Ensino de Graduação em Tempos de Pandemia

ANAIS ELETRÔNICOS

RIO DE JANEIRO

2023

Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Diretor

Ricardo Guimarães Fischer

Vice-Diretora

Angela Maria Vidal Moreira

ORGANIZADORES

Coordenação

Prof^a Maria Isabel de Castro de Souza

Equipe executiva

Núcleo de Teleodontologia

SUMÁRIO

ODONTOLOGIA E O ENSINO MEDIADO POR TECNOLOGIA

Saúde digital	7
(Prof ^a Alexandra Monteiro/ FCM Uerj)	
Perspectivas do ensino híbrido na formação em saúde	8
(Prof ^a Miriam Struchiner e Prof ^a Eliana Claudia Ribeiro/NUTES UFRJ)	
Diretrizes Nacionais Curriculares e o Ensino mediado por tecnologias	9
(Prof ^a Maria Cardoso de Castro Berry/ODO Uerj)	
ChatGPT e a pesquisa científica	10
(Prof ^a Karla Figueiredo/IME Uerj)	
Divulgação científica e mídias digitais	11
(Prof ^a Luiza Silva/FCS Uerj)	

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Uerj	13
(Prof ^a Maria Isabel de C. de Souza)	
Pitch científico Uerj	14
(Prof ^a Tamires Santos de Melo/ODO Uerj)	
UFRJ	15
(Prof ^a Luciana Rougemont Squeff)	
UFF/Nova Friburgo	16
(Prof ^a Maria Carolina Monteiro Barki)	
Pitch científico UFF/NF	17
(Prof ^a Natalia Iorio Lopes Pontes Póvoa/ODO UFF)	
UFF/Niterói	18
(Prof ^a Claudia Trindade Mattos)	



ODONTOLOGIA E O ENSINO MEDIADO POR TECNOLOGIA

Saúde Digital: inovação ou necessidade na formação em saúde?

Prof^a Alexandra Monteiro (FCM/Uerj)

A transformação digital na sociedade modificou processos, serviços e, sobretudo, a relação entre as pessoas de forma significativa. A recente pandemia pelo Coronavírus COVID-19 foi um acelerador dessa transformação disruptiva, e de forma intensa e acelerada na saúde. Nesse período de isolamento e, posteriormente, de distanciamento social a assistência em saúde aconteceu de forma quase que, exclusivamente, remota e, paradoxalmente, grande parte dos profissionais da saúde, assim como as pessoas em geral, não haviam desenvolvido habilidades ou atitudes para essa relação remota do cuidado em saúde. A sociedade reconheceu a necessidade de formação de pessoas para a sociedade digital e, nesse contexto, os profissionais da saúde a premência no aprimoramento de competências, habilidades e atitudes para qualificar e assegurar o cuidado em saúde. A telessaúde, isto é, o uso de tecnologias digitais para a assistência remota em saúde tem premissas ético-legais e requisitos totalmente definidos que precisam fazer parte do currículo na formação do profissional da saúde. Ademais, a saúde digital, que inclui o uso de diferentes tecnologias e aplicações digitais como apoio à jornada do paciente está cada vez mais acessível e com mobilidade através dos dispositivos móveis. Nesse contexto está inserida a apresentação, que tem por objetivo apresentar o contexto histórico da transformação digital na saúde, o marco legal e a visão de futuro para a saúde digital no Brasil e no mundo.

Perspectivas do ensino híbrido na formação em saúde

Miriam Struchiner e Eliana C Ribeiro (NUTES/UFRJ)

O trabalho apresentado tem como primeiro objetivo analisar as bases metodológicas que orientam os processos formativos em saúde, tendo como diretrizes fundamentais assegurar (i) compromisso ético e responsabilidade social; (ii) desenvolvimento de capacidades técnico-científicas interdisciplinares fundantes de uma educação científica sólida, humanizada e contextualizada, e (iii) domínio de capacidades para continuar a aprender ao longo da vida profissional e ser capaz de enfrentar as rápidas transformações tecnológicas e o acúmulo de informações e desinformações. A partir desse referencial, situa os desafios postos para a formação considerando o tensionamento permanente entre abordagens educativas transformadoras e a potência ainda vigente de modelos tradicionais instituídos no ensino superior na área da saúde. Propõe uma reflexão sobre alguns dos princípios básicos norteadores de processos de mudanças curriculares no campo da saúde, como a mudança do lugar dos sujeitos da aprendizagem, flexibilidade na ordenação de percursos formativos, articulação entre ganhos de autonomia na prática e corresponsabilização em contextos diversos do trabalho em saúde, articulação de saberes disciplinares no enfrentamento dos problemas do cotidiano do cuidado, domínio de ferramentas para avaliação crítica do conhecimento e busca ativa da informação. Nesse contexto, a partir da reflexão sobre as experiências de docentes e alunos no ensino em saúde durante a pandemia e as novas demandas colocadas pelo retorno às atividades presenciais, o trabalho busca alcançar seu segundo objetivo, a saber: discutir as implicações metodológicas do emprego de diferentes abordagens sobre Educação e Ensino Híbridos na formação em saúde. Partindo da crítica sobre modelos que consideram que o ensino híbrido resulta da mera combinação de atividades presenciais e remotas, amplia o campo de análise de modo a situar o momento atual na confluência de processos socioculturais mais amplos, como (i) evolução dos meios e processos de produção e circulação de informação, mudanças de hábitos sociais, de consumo cultural, e de ritmos de produção/distribuição da informação, implicando novas relações no trabalho e no lazer e novas formas de sociabilidade; (ii) a convergência das mídias digitais e sua ressignificação para a Educação, a partir da ampliação de seu uso social e de seu potencial de comunicação, produção e troca de informação em diferentes meios de representação como textos, imagens e vídeos e ubiquidade e (iii) a dinâmica do hibridismo tecnológico na Educação, em que já não é mais possível diferenciar ou tratar separadamente as diversas linguagens e modos de representação do conhecimento, bem como as relações espaço-temporais e físico-virtuais. Retomando as bases teórico conceituais sobre a Educação, o trabalho encontra em Moran (2015) o caráter híbrido do próprio processo educativo, ao vê-lo concretizado a partir de articulações entre atores, metodologias, conteúdos, recursos, espaços e tempos. O hibridismo se amplia com o desenvolvimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e pela convergência das mídias, ressignificando as possibilidades de ensinar e aprender em um ecossistema criativo e aberto.

Diretrizes Nacionais Curriculares e o Ensino mediado por tecnologias

Prof^a Maria Cardoso de Castro Berry (ODO/Uerj)

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) são normatizações que definem as competências necessárias para a formação de um profissional e, devem guiar os currículos universitários. Em 2021, a Resolução nº 3 instituiu e reforçou que o egresso de Odontologia necessita desenvolver habilidades para além do conhecimento técnico-científico. Dentre as habilidades específicas o artigo IV enfatiza a necessidade de se desenvolver a Educação em Saúde e o uso das novas tecnologias de informação e comunicação em Odontologia. Nesse sentido, o contato com formatos diferentes de aplicações da tecnologia durante a graduação promove aprendizagem e estimula a criatividade. Além disso, as DCNs relataram a importância de um ensino centrado no aluno, no qual a tecnologia educacional pode se agregar ao ensino tradicional para esse fim. Alguns exemplos dessa integração já foram publicados em revistas científicas de ensino odontológico nacionais e internacionais, como o ensino híbrido com a incorporação de Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Outros exemplos são os cursos no modelo Massive Online Open Course (MOOCs), o uso de simuladores, gamificação e videoaulas instrucionais são alguns exemplos dessa incorporação no ensino Odontológico a nível global. Nesse sentido, observa-se que a pandemia do Covid-19 acelerou um processo que já vinha ocorrendo de inclusão da tecnologia educacional nos cursos de Odontologia a nível de graduação e pós-graduação, sendo destacado na literatura científica como uma ferramenta efetiva e complementar ao ensino, quando previamente planejada e utilizada de acordo com princípios pedagógicos.

ChatGPT e a pesquisa científica

Prof^a Karla Figueiredo (IME/Uerj)

O ChatGPT é um modelo de linguagem baseado em inteligência artificial que pode ser uma ferramenta valiosa para profissionais de diversas áreas, incluindo a saúde. Com sua capacidade de processar grandes quantidades de dados de texto, o ChatGPT pode ser usado para ajudar na classificação de textos médicos, geração de respostas automáticas para perguntas frequentes, e até mesmo como um assistente virtual em cuidados de saúde. No entanto, é importante notar que o ChatGPT pode ter limitações em relação à acurácia e das respostas geradas, e a qualidade do modelo depende da qualidade dos dados de treinamento utilizados. Assim, para compreender a ferramenta é necessário se destacar seus fundamentos, bem como aos desafios e oportunidades do seu uso.

Divulgação científica e mídias digitais.

Luiza Silva (FCS/UERJ)

As tecnologias digitais de informação e comunicação mudaram a maneira de fazer e comunicar ciência entre pares e para a sociedade. As transformações se fazem claramente presentes na imprensa, onde se multiplicam veículos online e diminui ou setoriza aos poucos a importância dos meios eletrônicos ou impressos migrados da era analógica – caso do rádio e a TV aberta – e dos periódicos populares. Periódicos e plataformas de colaboração científicos também se reorganizaram. Ainda maior revolução comunicacional é, sem dúvida, aquela provocada pelas mídias digitais sociais, para onde migraram as redes de relacionamento profissional e pessoal de muitos de nós. Porém, muitos pesquisadores e professores ainda não utilizam esses canais para falar de seu trabalho ou não vislumbraram o que eles têm de mais poderoso: mostrar a face humana da sua produção, estabelecendo conexões inequívocas com interesses sociais e setoriais. Hoje, é não apenas possível, mas aconselhável, tirar partido da capilaridade, da instantaneidade e das capacidades integradas de som, texto e imagem das mídias sociais para comunicar de modo claro, e mesmo didático, conteúdos que se fazem oportunos. Mais que isso, é possível construir oportunidade para estes. A radicalidade dessas mudanças, surpreendentemente, não subtraiu o histórico dilema da divulgação científica, que é adequar a linguagem à diversidade de públicos. E lado a lado com novas oportunidades e dificuldade de acesso. Se, antes, pesquisadores criticavam comunicadores na operação de “traduzir” a ciência para a sociedade, hoje muitos daqueles se vêem desafiados em uma posição e função análogas às destes. Um desafio que os comunicadores sempre viveram - o de tornar relevante uma notícia, abrindo espaço no meio do cipoal de informação da mídia – bate diretamente à porta dos pesquisadores hoje. E, agora, deve-se competir por atenção dentro de um turbilhão de mensagens elevado à potência virtualmente infinita do meio digital. Pesados os extremos, há, decerto, vantagens nas mídias digitais para divulgar a ciência, mas a vasta flexibilidade delas pode intimidar ou distrair. Portanto, desde a gestão de identidade institucional e reputação, questão típica de relações públicas, até o domínio de linguagens e a escolha de conteúdos conforme a plataforma, é preciso ter claros os objetivos de comunicação para adentrar com segurança todas as potencialidades das mídias digitais em geral e, em específico, das mídias sociais. É preciso buscar respostas para várias perguntas, que vão mudando velozmente. As mídias sociais podem ajudar a criar redes com gestores e formuladores de políticas públicas, entidades financiadoras, associações de classe ou movimentos sociais organizados, ONGs, pares acadêmicos dentro do mesmo campo de conhecimento ou não, empresas, outros veículos e atores de comunicação – além de promover contato com uma vasta gama de interessados dispersos e ocasionais. Ora, se as mídias podem ser o espaço para criar, consolidar ou destruir uma imagem de autoridade em determinado assunto, como melhorar ou direcionar as competências comunicacionais dos pesquisadores conforme seus objetivos e audiências de divulgação científica? Como usar de modo planejado as mídias de acordo com sua maior ou menor especialização de públicos? Como adequar a linguagem conforme a demografia e a tecnologia? Como realizar a construção e a curadoria de seu conteúdo e de sua imagem na/da pesquisa para a sociedade? Como ter consistência e constância para manter e expandir suas redes de acordo com as mídias? Quais as práticas dos mais bem sucedidos casos de divulgação científica no mundo, hoje? Como ter flexibilidade para corrigir o curso da comunicação, interagir, reagir e aproveitar melhor as oportunidades e obstáculos imprevistos? Como usar as próprias plataformas como ferramentas para pesquisa, para levantamentos e para buscar o feedback para o trabalho científico? Felizmente, não há uma só resposta correta para essas perguntas, pois a plasticidade das mídias digitais permite que varie de acordo com os públicos, os meios, os prazos, as áreas de conhecimento e as informações, em si. A cada momento, novas oportunidades de interação vão se consagrando. Muita gente poderia achar, há coisa de apenas alguns meses, que a frivolidade imperante no TikTok não faria dele um lugar para falar de ciência eficazmente, mas um dos segredos de como não se deixar ultrapassar pela natureza camaleônica desses canais é justamente estar aberto para ela. Comunicar desde um lugar de conhecimento é um exercício dialógico, de escuta e convergência, e não o primado da autoridade. Podemos desmistificar a divulgação científica nas mídias sociais, pois o que melhor funciona é combinar princípios básicos de comunicação com aqueles que já são segunda natureza da pesquisa mesma: na companhia da curiosidade e de relativização científicas, fica mais fácil manter em mente que as leituras ideais da realidade são complexas, multifacetadas e sempre, sempre mutantes.



COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) fazem parte do cotidiano do mundo globalizado e não há como retroceder sua utilização. O levantamento Global Digital 2019 reports revelou que a cada dia o número de usuários da internet cresce em um milhão de pessoas. O ensino à distância é apenas uma das ferramentas tecnológicas que pode ser utilizada neste cenário de formação profissional, no qual o próprio sistema de aprendizagem está sofrendo transformação, onde pessoas aprendem entre si fora de ambientes formais da educação. A pandemia e a decretação da interrupção das atividades presenciais em março de 2020, o ensino de graduação teve que submeter ao novo momento e incorporar novas práticas pedagógicas ao seu cotidiano. Na Faculdade de Odontologia da UERJ, através do Núcleo de Teleodontologia, foi desenvolvido um sistema de informações e suporte para que as disciplinas pudessem manter suas atividades através de momentos síncronos e assíncronos. Para isso foram disponibilizados: vídeos sobre o que é Ensino mediado por Tecnologia, tutoriais para alunos e professores sobre uso do ambiente virtual de aprendizagem, tutorial para uso de salas virtuais, criação de disciplinas no moodle da unidade acadêmica e orientações sobre desenvolvimento dos conteúdos, acompanhamento dos alunos da liga acadêmica como suporte às disciplinas. Observou-se um incremento no número de professores no uso do moodle em disciplinas (alunos e professores) e foi realizado um monitoramento pedagógico destas disciplinas através de um checklist de ferramentas utilizadas. Observou-se com este estudo uma demanda de treinamento e capacitação de professores para uso de ambientes virtuais de aprendizagem além da temática do ensino mediado por tecnologia. As TICs podem contribuir de diferentes maneiras na construção do perfil profissional, sua capacitação e educação permanente. Porém, caberá as instituições de ensino superior, associações, conselhos e instâncias governamentais o estabelecimento das regras e ferramentas adequadas para os cursos de graduação de Odontologia.

Pitch Científico Uerj

Prof^a Tamires Santos de Melo (ODO/Uerj)

A dificuldade de acesso ao tratamento odontológico ainda é um desafio no Brasil. No contexto da Faculdade de Odontologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FOUERJ), identificou-se dois problemas centrais durante o acesso dos pacientes aos serviços oferecidos. O primeiro é a triagem por livre demanda, o que significa dizer que pessoas de diferentes municípios do Estado do Rio de Janeiro se deslocam até a faculdade em busca de tratamento e, por vezes, desnecessariamente. E o segundo é o gasto de tempo e recurso financeiro bilateral. Com o objetivo de melhorar o atendimento à demanda espontânea de indivíduos que procuram a FOUERJ, aliado ao aperfeiçoamento do fluxo de pacientes nas clínicas de graduação, foi desenvolvido e testado um Sistema de Pré-Triagem Odontológico (STO), visando a pré-triagem desses pacientes por um profissional de saúde bucal à distância. Cientes de que o público da FOUERJ é um público carente, a ferramenta foi desenvolvida para ser leve e de fácil acesso, o que inclui acesso por diferentes dispositivos móveis. Ruídos de comunicação nos serviços à distância não são desejáveis, dessa forma o cuidado com a comunicação perpassou desde o design até os termos utilizados, procuramos adequar a linguagem para que fosse objetiva e clara. Para avaliar o grau de aceitabilidade dos pacientes, o sistema foi submetido ao teste de usabilidade SUS resultando na pontuação de usabilidade de 76,92, o que representa boa usabilidade segundo Bangor e colaboradores. Além disso, realizou-se uma avaliação quantitativa chamada entrevista semiestruturada a fim de identificar problemas e ouvir efetivamente as dificuldades e desafios de cada paciente. Com base nesses testes, foi possível identificar e adequar o sistema para uma melhor experiência durante seu uso. A segunda solução foi a produção de um banco de dados, um subproduto da utilização do STO, que possibilita uma pré-seleção dos pacientes de acordo com as demandas da instituição. Possibilitando um contato para a triagem melhor direcionado. O STO apresenta alguns diferenciais, como: (1) o STO é o primeiro sistema de pré-triagem odontológico do Brasil aplicado ao serviço público; (2) pode ser utilizado por diferentes especialidades da área odontológica e (3) seu design centrado no usuário. É importante destacar que o sistema foi registrado no INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), e os resultados da fase de testes foram publicados na *Journal of the International Society for Telemedicine and eHealth*. Esperamos, com a utilização do sistema, reduzir o atendimento de triagem por livre demanda, evitando, dessa forma, que os pacientes façam viagens desnecessárias sem obter de fato um tratamento. E economizar gastos financeiros, para o paciente, com passagem e alimentação e, para a instituição, com disponibilização de pessoal especializado, infraestrutura e materiais odontológicos para consultas desnecessárias.

O ensino da Odontologia no período de pandemia foi um grande desafio. Primeiramente, pela falta de capacitação do corpo docente para ensino remoto ou à distância. Segundo, pela dificuldade do aluno em se adaptar ao novo modelo de ensino. Terceiro, pelas dificuldades de estrutura dos próprios docentes e discentes em suas residências, que incluíam a necessidade de um bom computador com acesso a internet de razoável qualidade e velocidade. Tudo isso no contexto pessoal, familiar e emocional de cada um em uma pandemia causada por um vírus ainda pouco conhecido. Houve uma necessidade de treinamento, aprimoramento e adaptação de toda uma estrutura já existente. Quanto ao treinamento, houve na Universidade Federal Fluminense a oferta de cursos sobre a modalidade de ensino online ou remoto e sobre ferramentas específicas, como o Moodle, o Google Classroom, o Google Meet, gravação e edição de aulas, entre outros. Com isso, o corpo docente foi se capacitando. Porém, muitas vezes essa capacitação acontecia de forma concomitante ao andamento das aulas remotas, fazendo com que muito das nossas primeiras experiências fossem na base da tentativa e erro. Um dos saldos positivos da nossa experiência nesse período foi conhecer melhor a ferramenta Google Classroom e as inúmeras possibilidades que ela permite de interação, compartilhamento de conteúdo e até mesmo de avaliação. Essa ferramenta foi bastante utilizada durante a pandemia, mas mesmo depois do retorno presencial, permaneceu como um excelente recurso e teve um feedback dos alunos muito positivo. De forma específica, utilizamos a ferramenta da sala de aula virtual para: compartilhar cronograma, planos de aulas e lista de material da disciplina; disponibilizar material complementar na forma de apostilas, artigos, links de sites, vídeos e videoaulas gravadas; criar espaço para dúvidas dos alunos; enviar e corrigir trabalhos; e criar mecanismos de interação entre discentes e dos mesmos com os docentes, como fóruns e respostas a comentários. Dessa forma, a ministração do conteúdo teórico, apesar de todas as dificuldades, foi sendo administrada a contento. Porém, restava o desafio do ensino prático, laboratorial e clínico. Quanto a esta questão, não foi possível ministrar este conteúdo de forma remota. Porém, em algumas disciplinas aproveitou-se esse período para produção de material, em especial, de vídeos demonstrativos com o passo a passo de algumas práticas de laboratório, com o objetivo de agilizar a prática quando do retorno presencial, através da metodologia da sala de aula invertida. Este foi um dos outros recursos que continuam sendo implementados mesmo no modelo presencial, após o retorno pós-pandemia. Finalmente, houve a dificuldade de repensar as avaliações, que eram aplicadas em forma de prova escrita e práticas direcionadas de trabalhos. Com isso, ambas passaram a ser feitas de forma remota, mas de forma muito semelhante ao formato do ensino tradicional, apenas com limite de tempo para seu preenchimento. Este foi um dos pontos que, analisando atualmente, vemos que precisaríamos repensar no caso de nova necessidade de ensino remoto, porque não funcionaram bem nesta modalidade de ensino. Não há forma de controlar ou impedir a comunicação dos alunos entre si, o que torna o modelo de prova escrita menos eficaz como instrumento de avaliação. Considerando todos os aspectos, o saldo foi muito positivo, com bom aprendizado para o período e adoção de ferramentas e recursos importantes até mesmo para o atual ensino presencial.

Odontologia E O Ensino De Graduação Em Tempos De Pandemia

A pandemia do novo coronavírus deflagrada em março de 2020, por sua extensão, gravidade, e rapidez de evolução, fez com que as instituições de ensino em todo mundo adotassem medidas de grande impacto na vida acadêmica. Inicialmente, o isolamento social esvaziou as salas de aula e exigiu medidas restritivas radicais baseadas em estratégias de quarentena (isolamento social) e lockdown, a fim de conter a infecção de novos indivíduos e reduzir a sobrecarga dos sistemas de saúde. Esforços em diferentes sentidos foram empreendidos pelas Instituições de Ensino Superior para superar os obstáculos impostos por essa situação de emergência global. A Universidade Federal Fluminense, em agosto de 2020 regulamentou o ensino remoto emergencial, em caráter excepcional e temporário, nos cursos de graduação. Esta resolução definiu a oferta de componentes curriculares obrigatórios a partir de atividades remotas didáticas síncronas e assíncronas, realizadas por meio da utilização de recursos digitais e ferramentas de tecnologias. Ainda, a resolução previu a flexibilização curricular de forma a minimizar a retenção e evasão estudantil. O Departamento de Formação Específica (FFE) do Instituto de Saúde de Nova Friburgo (ISNF) atendeu às recomendações e ofereceu os componentes curriculares a partir da adaptação dos conteúdos ao formato mediado por tecnologia, diversificando as mídias e as dinâmicas didáticas e fortalecendo a autonomia do estudante e a responsabilização do seu processo de ensino aprendizagem. No entanto, o caráter eminentemente prático da graduação em odontologia exigiu das coordenações de curso e do departamento a retenção de atividades clínicas e laboratoriais, para uma futura oferta presencial quando a situação epidemiológica e os planos de contingência locais assim permitissem. Esta oferta foi retomada em setembro de 2021, para o semestre 2021.1. Este retorno foi norteado pelo esforço expressivo de preparação da infraestrutura do campus e em intenso treinamento para o retorno seguro e gradual, calcado no plano de contingência local e nas recomendações da GT covid do ISNF. Em fevereiro de 2022, o ISNF, a coordenação de curso e o FFE organizaram-se para a oferta presencial das atividades práticas, conforme previsto na resolução e parte das atividades teóricas sob o formato Mediado por Tecnologia. Já para o segundo semestre de 2022, a oferta de componentes curriculares dos cursos de graduação presencial deverá ser planejada de modo a considerar, de forma regular, apenas o formato Educação Presencial. Entretanto, a plataforma Google Classroom continua sendo utilizada como ferramenta importante no aprendizado e comunicação entre docentes e discentes. Nesse momento, nosso curso se encontra com regularização do percurso curricular dos discentes. No entanto, a percepção por parte de docentes e discentes sobre os efeitos pedagógicos dos semestres transitados durante a pandemia trouxe a reflexão sobre um necessário reforço, no formato presencial, de conteúdos ofertados remotamente, que foram materializados na prática, mas que necessitaram de uma reaproximação dos temas e uma correlação com o que está sendo visto nos ambientes clínicos, laboratoriais e de estágios, para o efetivo aproveitamento e futuro sucesso acadêmico. Para isso, foram ofertadas Oficinas de Ensino e Aprendizagem, como um projeto de Ensino da Coordenação. Além disso, foram ofertados diversos ciclos de palestras e Hands on pelas Ligas, com o intuito de aproximar os discentes novamente ao ambiente universitário.

Pitch científico UFF/NF

Prof^a Natalia Iorio Lopes Pontes Póvoa (ODO/UFF)

Microbiologia para Odontologia: Entrevista como Ferramenta Didática

Bruna Thurler Alves, Nicolly Duarte de Abreu, Samira Pagliasse de Santana, Leticia Moreira de Lima, Lais Versiani de Faria, Marcelle Netto Vargas, Luana Karla Nogueira Neves, Natalia Iorio Lopes Pontes Póvoa

A microbiologia geral e bucal é uma das matérias/tópicos presentes para a formação básica do curso de graduação em Odontologia, de acordo com as diretrizes curriculares. Em geral, a falta de conexão entre as disciplinas do ciclo básico e o cotidiano dificulta o aprendizado, sendo assim torna-se necessário o desenvolvimento de estratégias e tecnologias que auxiliem no processo ensino-aprendizagem. Durante a pandemia da COVID-19, a adoção de um modelo remoto de ensino na graduação tornou necessário o desenvolvimento de ferramentas que possibilitassem o aprendizado efetivo das diferentes temáticas trabalhadas. Uma das estratégias utilizadas para o curso de Odontologia na disciplina de Microbiologia II (Microbiologia aplicada à Odontologia), do Instituto de Saúde de Nova Friburgo, foi a elaboração de metodologia ativa baseada na realização de entrevistas pelas/es/os discentes, conferindo-lhas/es o papel de protagonistas na construção do próprio conhecimento. Inicialmente, promoveu-se uma série de encontros, via Google Meet, entre as monitoras-tutoras e uma docente da disciplina, ao longo dos quais foram discutidos achados na literatura que forneceram o embasamento necessário às etapas subsequentes. Em seguida, preparou-se, de forma conjunta, um guia contendo orientações para uma condução proveitosa da atividade, além da otimização do contato entre discentes e entrevistados. Discentes da disciplina foram, então, divididos em grupos de 6 a 7 participantes. Dadas as instruções, cada grupo recebeu dois temas dentre os estudados naquele semestre; a partir daí, foram instruídos a construir um roteiro de perguntas a serem aplicadas em duas entrevistas para cada tema, sendo uma com profissional dentista não-docente e a outra com discente, adicionalmente docentes também poderiam ser entrevistados. Como forma de avaliação, discentes foram orientados a confeccionar um material escrito e uma apresentação oral a ser realizada virtualmente a partir dos conteúdos obtidos pelas entrevistas, relacionando-os aos conteúdos estudados. Além do guia disponibilizado para livre consulta em Ambiente Virtual de Aprendizagem, os grupos contaram ainda com o apoio das monitoras-tutoras durante toda a atividade, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades voltadas para a docência no modelo remoto. Ao final, foi disponibilizado um questionário com o intuito de obter “feedback” das/es/os discentes sobre a atividade. Das/es/osos 38 discentes inscritas/es/os na disciplina no primeiro semestre de 2021, 27 concordaram em participar deste estudo. Discentes classificaram, de acordo com a escala Likert (1-5), sendo 1 para discordo totalmente e 5 para concordo totalmente, as seguintes habilidade e/ou competências desenvolvidas durante a realização atividade: comunicação oral (4,7); comunicação escrita (4,3); fixação dos temas abordados na disciplina (4,8); capacidade de liderança (4,4); organização (4,8); visão multidisciplinar e integrada (4,9); trabalho em equipe (4,7) e formação de rede de contatos (4,7). Somado a isso, os trabalhos apresentados demonstraram que a atividade foi capaz de proporcionar uma visão ampla, integrada e de caráter multidisciplinar dos temas trabalhados em aula. No que diz respeito à concepção da atividade, cada monitora-tutora respondeu um questionário sobre sua percepção acerca do seu desenvolvimento docente; a atuação das mesmas no delineamento e execução de uma atividade com foco em metodologia ativa contribuiu positivamente para o desenvolvimento docente das envolvidas. A ferramenta representou uma aliada na conscientização da aplicabilidade da Microbiologia na vida cotidiana tanto acadêmica quanto profissional, consolidando e ressignificando o que compõe o plano de ensino, na medida em que discentes são expostos de forma ativa à aplicação prática de tais saberes. O uso de entrevistas como metodologia de ensino pode ser considerado, portanto, como uma potencial ferramenta no processo de ensino-aprendizagem de Microbiologia para graduandos de Odontologia.

O ensino da Odontologia no período de pandemia foi um grande desafio. Primeiramente, pela falta de capacitação do corpo docente para ensino remoto ou à distância. Segundo, pela dificuldade do aluno em se adaptar ao novo modelo de ensino. Terceiro, pelas dificuldades de estrutura dos próprios docentes e discentes em suas residências, que incluíam a necessidade de um bom computador com acesso a internet de razoável qualidade e velocidade. Tudo isso no contexto pessoal, familiar e emocional de cada um em uma pandemia causada por um vírus ainda pouco conhecido. Houve uma necessidade de treinamento, aprimoramento e adaptação de toda uma estrutura já existente. Quanto ao treinamento, houve na Universidade Federal Fluminense a oferta de cursos sobre a modalidade de ensino online ou remoto e sobre ferramentas específicas, como o Moodle, o Google Classroom, o Google Meet, gravação e edição de aulas, entre outros. Com isso, o corpo docente foi se capacitando. Porém, muitas vezes essa capacitação acontecia de forma concomitante ao andamento das aulas remotas, fazendo com que muito das nossas primeiras experiências fossem na base da tentativa e erro. Um dos saldos positivos da nossa experiência nesse período foi conhecer melhor a ferramenta Google Classroom e as inúmeras possibilidades que ela permite de interação, compartilhamento de conteúdo e até mesmo de avaliação. Essa ferramenta foi bastante utilizada durante a pandemia, mas mesmo depois do retorno presencial, permaneceu como um excelente recurso e teve um feedback dos alunos muito positivo. De forma específica, utilizamos a ferramenta da sala de aula virtual para: compartilhar cronograma, planos de aulas e lista de material da disciplina; disponibilizar material complementar na forma de apostilas, artigos, links de sites, vídeos e videoaulas gravadas; criar espaço para dúvidas dos alunos; enviar e corrigir trabalhos; e criar mecanismos de interação entre discentes e dos mesmos com os docentes, como fóruns e respostas a comentários. Dessa forma, a ministração do conteúdo teórico, apesar de todas as dificuldades, foi sendo administrada a contento. Porém, restava o desafio do ensino prático, laboratorial e clínico. Quanto a esta questão, não foi possível ministrar este conteúdo de forma remota. Porém, em algumas disciplinas aproveitou-se esse período para produção de material, em especial, de vídeos demonstrativos com o passo a passo de algumas práticas de laboratório, com o objetivo de agilizar a prática quando do retorno presencial, através da metodologia da sala de aula invertida. Este foi um dos outros recursos que continuam sendo implementados mesmo no modelo presencial, após o retorno pós-pandemia. Finalmente, houve a dificuldade de repensar as avaliações, que eram aplicadas em forma de prova escrita e práticas direcionadas de trabalhos. Com isso, ambas passaram a ser feitas de forma remota, mas de forma muito semelhante ao formato do ensino tradicional, apenas com limite de tempo para seu preenchimento. Este foi um dos pontos que, analisando atualmente, vemos que precisaríamos repensar no caso de nova necessidade de ensino remoto, porque não funcionaram bem nesta modalidade de ensino. Não há forma de controlar ou impedir a comunicação dos alunos entre si, o que torna o modelo de prova escrita menos eficaz como instrumento de avaliação. Considerando todos os aspectos, o saldo foi muito positivo, com bom aprendizado para o período e adoção de ferramentas e recursos importantes até mesmo para o atual ensino presencial.